

---

## “Olha pro céu, meu amor!”: uma perspectiva folkcomunicação de fenômenos atmosféricos em João Pessoa, no contexto do Twitter <sup>1</sup>

Andréa Karinne Albuquerque dos SANTOS <sup>2</sup>

Anna Raquel de Lemos VIANA <sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

Discute-se, numa perspectiva folkcomunicação, a repercussão na rede social digital Twitter de fenômenos atmosféricos (trovões, raios e relâmpagos) ocorridos em João Pessoa -PB, em 23 de maio de 2022. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, sendo o Twitter o campo empírico e o recorte temporal entre os dias 23 e 24 de maio. Aborda-se o contexto da capital paraibana e a formação histórica das cidades. A proposta teórica fundamenta-se, ainda, a partir dos conceitos de interioridade (DOMINGUES; GONTIJO, 2021), rurbanidade (FREYRE, 1982), folkcomunicação (BELTRÃO, 1980) e sociedade glocalizada (MARQUES DE MELO, 2011). Conclui-se que a repercussão dos fenômenos atmosféricos se deve, entre outros fatores, à raridade de sua incidência, à glocalização propiciada pelo Twitter e à formação identitária pessoense conectada à natureza, permeada por rurbanidade e interioridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Folkcomunicação; rurbanidade; interioridade; fenômenos atmosféricos. Twitter.

### INTRODUÇÃO

A música “Olha pro céu”, de autoria de Luiz Gonzaga e José Fernandes, foi lançada em 1962 pelo Rei do Baião no álbum “São João na roça”. O título deste artigo homenageia as festas juninas no Nordeste brasileiro, por meio da discussão de fenômenos atmosféricos que, assim como os fogos de artifício, alteraram o céu da capital paraibana com cores e sons, fazendo com que parte da população acordasse e compartilhasse nas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Relações Públicas e Jornalista, docente do Departamento de Comunicação da UFPB e Doutoranda do Curso de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: andrea.karinne@academico.ufpb.br.

<sup>3</sup>Graduada em Relações Públicas, Doutoranda do Curso de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: annaraquellemoss@gmail.com.

---

redes sociais digitais impressões e afetos sobre trovões, raios e relâmpagos<sup>4</sup>, como algo extraordinário e ao mesmo tempo assustador. Esses fenômenos atmosféricos, ocorridos na madrugada do dia 23 de maio de 2022, renderam registros em vídeo e fotos, além de memes, tirinhas, charges e, claro, notícias, sendo pauta dos jornais locais na TV e Internet.

Quem não é de João Pessoa talvez esteja se perguntando o que há de extraordinário nesses eventos, tendo em vista que o Brasil é o país com maior incidência de raios do planeta, com cerca de 70 milhões de descargas elétricas por ano (EBC, 2022)<sup>5</sup>. Nesse sentido, no ranking que mede a concentração de raios por ano, a cidade de João Pessoa ocupa a 5421<sup>a</sup> posição no país (ELAT/INPE, 2022)<sup>6</sup> num universo de 5.570 municípios (IBGE, 2021)<sup>7</sup>. Portanto, só 149 das 5.570 cidades do país têm menos raios do que a capital paraibana, o que os torna, em comparação, fenômenos não muito comuns.

Ressalta-se que não é pretensão das autoras aprofundar a explicação sobre os fenômenos atmosféricos, mas compreender por que isso virou notícia e por qual motivo as pessoas usaram as redes sociais digitais para falar sobre o assunto – além de como um sentimento de proximidade e pertencimento característico das cidades do interior permeia, ainda que de forma situacional, as relações entre desconhecidos que compartilham os espaços físicos e digitais da cidade – tendo em vista que, apesar de pequena, João Pessoa é uma capital de estado.

Na tentativa de compreender as inquietações geradas por essas e outras questões, discute-se: a cidade de João Pessoa numa perspectiva histórica e cultural associada à contemporaneidade; a formação e o surgimento das cidades e a articulação entre os conceitos de interioridade, rurbanidade e sociedade glocalizada, numa aproximação com a teoria da folkcomunicação. Tais ferramentas conceituais servem como lentes de observação da realidade local a partir da repercussão dos fenômenos atmosféricos no âmbito das redes sociais digitais.

---

<sup>4</sup> Esses três fenômenos atmosféricos estão interligados, tendo em vista que os trovões são as ondas acústicas que ouvimos após o clarão (relâmpago); grosso modo, o trovão é o som de um raio, que ocorre devido à rápida expansão dos gases após a passagem da corrente elétrica. - Ondas acústicas. Grupo de Eletricidade Atmosférica – ELAT. **Inpe**. Disponível em: <http://www.inpe.br/webelat/homepage/menu/relamp/relampagos/ondas.acusticas.php>. Acesso em: 30 jun. 2022.

<sup>5</sup> Brasil é o país com maior incidência de raios no mundo. 21 de janeiro de 2022. **EBC**. Disponível em: <https://abre.ai/eGBs>. Acesso em: 30 jun. 2022.

<sup>6</sup> Grupo de Eletricidade Atmosférica – ELAT. **Inpe**. Disponível em: <http://www.inpe.br/webelat/homepage/> Acesso em: 30 jun. 2022.

<sup>7</sup> Áreas territoriais. 2021. **IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?=&t=acesso-ao-produto> Acesso em: 25 jun. 2022.

---

Para o alcance do objetivo, opta-se pela pesquisa etnográfica virtual, em que a internet “representa um lugar, um ciberespaço, onde a cultura é constituída e reconstituída” (HINE, 2000, p. 9), de maneira que se aproxima de estratégias e ferramentas metodológicas derivadas da antropologia: “a observação detalhada de lugares, a descrição de fenômenos culturais tais como festas e folguedos populares, as práticas realizadas em celebrações entre outros aspectos, se revelaram desde muito tempo um terreno fértil para a pesquisa em folkcomunicação” (WOITOWICZ, 2017, p. 6).

Considerando tais estratégias, o campo empírico escolhido foi o Twitter, onde os usuários são convidados a responder à pergunta “o que você está fazendo?” provocando os usuários a falarem sobre suas experiências. Além da facilidade de recuperação dos dados pela plataforma, é uma rede social que vem proporcionando aos atores acesso a diferentes tipos de capital social – que não estariam acessíveis de outras formas (DONATH & BOYD, 2004).

As publicações foram coletadas utilizando linguagem de programação, pelo módulo *Python*, exportadas em *.json* e convertidas posteriormente em *.csv*. Para a coleta, os termos utilizados foram: *trovão and João Pessoa*; *raio and João Pessoa* e *relâmpago and João Pessoa*, delimitando o intervalo de tempo das publicações para os dias 23 e 24 de maio de 2022. Em seguida, as publicações recuperadas foram organizadas em planilha, a partir do arquivo em formato *.csv*, com os campos de filtro: *URL*, *Conteúdo*, *Username*, *Displayname*, *Descrição do perfil*, *Followers*, *Perfis seguidos*, *Total de tweets do perfil*, *Replies*, *Retweets*, *Likes*, *Quotes* e *Hashtags*.

### **João Pessoa: do rio ao mar**

A capital da Paraíba – uma das três cidades mais antigas do Brasil, fundada em 1585 com o nome de Nossa Senhora das Neves – teve sua história marcada pelo tradicionalismo. A cidade mudou de nome algumas vezes até assumir o atual, em homenagem ao então presidente do Estado, que foi assassinado em Recife, em 1930.

João Pessoa, desde a sua origem, foi dividida entre cidade alta e cidade baixa. A cidade alta abrigava a parte administrativa, residências e as funções culturais e religiosas. Na cidade baixa desenvolviam-se as atividades comerciais, responsável pela escoação da produção local para a exportação por meio do Porto do Capim, próximo às margens do Rio Sanhauá (SCOCUGLIA, 2003). Na segunda metade do século XX, a cidade começou

---

a se desenvolver em direção ao litoral, fortalecendo as diferenças sociais. Nesse cenário, a cidade baixa e o bairro do Varadouro ficaram limitados ao comércio local.

Após os anos 1950, [o Varadouro] passou a ser esvaziado e abandonado por moradores e, posteriormente, por comerciantes, constituindo-se uma imagem de bairro marginalizado, gueto de prostituição, local de moradia de uma população estigmatizada vivendo, em parte, em favelas às margens do Rio Paraíba. (SCOCUGLIA, 2011, p.381)

Nesse mesmo período, a população em vulnerabilidade social passou a morar nas áreas periféricas da cidade, precárias e distantes do centro. Já as classes média e alta passam a residir na orla marítima e nos bairros próximos, espaços que abrigam comércio e serviços modernos, incluindo *shopping centers*, considerados também espaços de lazer (SCOCUGLIA, 2004).

O Centro Histórico de João Pessoa passou por um projeto de reabilitação a partir de 1987, através de convênio entre Brasil e Espanha. Em parceria com a iniciativa privada, o poder público promoveu a requalificação do patrimônio cultural, visando melhorar a imagem da cidade e atrair turistas. E, a partir de 1997, surgem novas formas de sociabilidades no local voltadas para a cultura, lazer e diversidade, com uma intensa programação cultural. (SCOCUGLIA, 2011).

O conjunto das casas pintadas com cores fortes na Praça Antenor Navarro foi transformado “em lugar de encontro” e de divertimento. Políticos, escritores, intelectuais, artistas, estudantes circulavam num espaço iluminado ao som de música ao vivo[...], consolidando a imagem cenográfica da requalificação e acentuando o contraste em relação à degradação patrimonial e urbanística do restante do Centro. (SCOCUGLIA, 2011, p. 382)

Para Jovanka Scocuglia (2011, p. 383) o projeto de requalificação do centro foi monofuncional, em virtude das condições dos residentes no local, pela permanência de “usos que reforçam, por vezes, segregações socioespaciais, áreas estigmatizadas pela pobreza, prostituição, precariedade da infraestrutura e insegurança urbanas.” Em 2007, o Centro Histórico de João Pessoa se tornou patrimônio histórico nacional tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Atualmente, João Pessoa é uma cidade que abriga essas diversas influências culturais, constituindo um espaço urbano fragmentado e marcado por inúmeras diferenças, inclusive características do contexto rural. Por outro lado, pela circulação maior de pessoas e consequente exposição à diversidade, vários estratos sociais e geográficos elegem a cidade como local de residência em virtude da qualidade de vida.

---

A capital paraibana é uma cidade litorânea de porte médio, com população estimada de cerca de 826 mil pessoas (IBGE, 2021)<sup>8</sup> e considerada uma cidade pacata. Eliane Moreira e Tereza Queiroz (2005) sublinham que essa tranquilidade era uma realidade até os anos 1970 – mas que, em decorrência, dentre outros aspectos, do processo de industrialização, da ampliação do setor de serviços, do êxodo rural, do rápido crescimento do número de favelas e das condições de pobreza, a situação se transformou.

Apesar do aumento da violência, o lugar ainda é considerado bom para se viver, atraindo pessoas de outros estados do país e do mundo, que escolheram a cidade em virtude da qualidade de vida, percebida nas belezas naturais e históricas. Para atender a essa demanda, o mercado imobiliário cresceu partir da década de 2000 – sobretudo por meio das políticas habitacionais, como o Programa Minha Casa, Minha Vida<sup>9</sup>. Desenvolveu-se também um mercado de luxo com a expansão dos condomínios fechados.

Além desse público, João Pessoa recebe estudantes do interior do Estado. Esse fluxo foi intensificado a partir de 2009, quando o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)<sup>10</sup> passou a ter abrangência nacional como forma de ingresso nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) de todo o País. Isso possibilitou que o estudante de qualquer estado brasileiro concorresse a uma vaga nas IFES, e promoveu a chegada de mais jovens a João Pessoa, vindos de distintos municípios do Brasil.

Além disso, o processo de globalização proporcionou novas formas de circulação de ideias, valores e consumo, promovendo o intercâmbio entre a cultura local e a global, por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação. Cria-se, assim, um cenário cada vez mais propício para o surgimento de estilos de vida que resgatam valores como a diversidade e qualidade de vida, em consonância com o momento atual da cidade.

### **O surgimento das cidades**

A necessidade de pensar e produzir ideias sobre o presente impulsionou pesquisadores a observar as transformações em processo de instauração e desenvolvimento no contexto urbano. Nesse sentido, a compreensão dos fenômenos que

---

<sup>8</sup> João Pessoa. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama>. IBGE. Acesso em: 25 jun. 2022

<sup>9</sup> O programa foi criado em 2009, pelo então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva com o objetivo de reduzir o déficit habitacional por meio da construção de moradias populares e conjuntos habitacionais, subsídios de até R\$ 47,5 mil e taxa de juros abaixo do mercado. Em pouco mais de 10 anos, o programa entregou cerca de 5,5 milhões de residências em todo o Brasil e recebeu R\$ 110 bilhões em investimentos. O que é e como funciona o Programa Minha Casa, Minha Vida. IBRESP. Disponível em: <https://www.ibresp.com.br/blogs/2021/o-que-e-e-como-funciona-o-programa-minha-casa-minha-vida/> Acesso em: 08 jun.2022.

<sup>10</sup> Enem. Inep. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/sobre-o-enem>. Acesso em: 08 jun.2022.

---

emergem da cidade contemporânea exige um mergulho na dimensão do presente, bem como um aprofundamento em busca da atualização de alguns conceitos, necessários para a apreensão da realidade social.

Apesar do surgimento da cidade ser anterior ao processo de industrialização, as configurações das cidades da antiguidade sofreram expressivas mudanças quando comparadas às cidades industriais. Henri Lefebvre (2001) elegeu o processo de industrialização como ponto de partida para a análise da problemática urbana.

Quando surge a industrialização, a riqueza principal deixa de ser a imobiliária. Nascem as redes de cidades, formadas por cidades que estão ligadas por estradas, relações comerciais e bancárias; nasce a capital, que expressa a função de centralizar o poder do Estado. E, apesar da cidade manter as características próprias da comunidade, a luta de classes é algo presente, visto que “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na Cidade.” (LEFEBVRE, 2001, p.22)

A Escola de Chicago sedimentou a pesquisa na Sociologia urbana, entre as décadas de 1920 e 1930, com a ideia de que era preciso conhecer a cidade para resolver os seus conflitos – por exemplo, com propostas teóricas de Robert Park e Louis Wirth. O jornalista Robert Park enxergou Chicago como um grande laboratório, contribuindo para a pesquisa de campo com a imersão na cidade, por meio de uma etnografia urbana. Louis Wirth contribuiu com a abordagem sobre a heterogeneidade dos habitantes e da vida em grupo na cidade, como sendo um dos elementos que determinam a existência do urbanismo como modo de vida. As principais críticas à Escola de Chicago referem-se ao moralismo e à análise da cidade como uma totalidade. (MATUS, 2010)

Georg Simmel (1896) preocupou-se em compreender as grandes cidades europeias durante a consolidação da modernidade, em termos de densidade, heterogeneidade, estilos de vida urbanos, e de que forma os iguais se conectam. Ao mesmo tempo, percebeu que há uma segmentação da interação: com a economia do dinheiro surge uma sofisticação e maior centralização na racionalidade, o que acaba por reforçar a diferenciação. Por sua natureza niveladora, o dinheiro se torna a “medida de todas as coisas”, conforme conquista seu espaço na cultura. No entanto, seu efeito é deletério no que se refere a trocas e relações elevadas (SIMMEL, 1896, p.10-11).

---

Influenciado por Marx, Simmel (1986) pensa no dinheiro como uma abstração, que acaba por criar uma separação entre o sujeito e o objeto. O autor (1896) explica que anteriormente, o dono da terra estava preso à sua propriedade; com a criação do dinheiro, foi possível vendê-la. Sendo assim, a economia do dinheiro traz ambiguidade – de um lado, a liberdade e, do outro, a perda de sentido.

As grandes cidades possuem uma “vida nervosa”, marcada pela racionalização da vida; enquanto nas cidades pequenas há mais sensibilidade e emoção, onde quem governa é o ritmo da natureza e não o do relógio. O peso da coletividade é muito maior nas cidades pequenas, enquanto nas grandes há um enfraquecimento do controle social expresso pela “arrogância *blasé*”, ou seja, o indivíduo passa a agir com indiferença e insensibilidade diante das coisas. (SIMMEL, 1986)

A economia do dinheiro resulta na expansão do individualismo, o que gera outra ambiguidade cultural: todos são iguais porque passam a ser racionalizados a partir da quantidade e, ao mesmo tempo, busca-se uma máxima diferenciação. Por outro lado, há a perda da dimensão qualitativa da vida. Nasce aí uma inversão, o que é meio (o dinheiro) torna-se fim, gerando um sentimento de incompletude.

### **Interioridade, rurbanidade e sociedade glocalizada no contexto da Folkcomunicação**

Neste tópico intenta-se trazer uma breve contextualização sobre a Teoria da Folkcomunicação, bem como os conceitos de interioridade, rurbanidade e sociedade glocalizada, como lentes de análise para os fenômenos discutidos.

Na década de 1960, Luiz Beltrão criou a Teoria da Folkcomunicação, que analisa “formas e procedimentos de comunicação relacionadas à expressão cultural, social e política das camadas marginalizadas das sociedades”. (BEZERRA, 2016, p. 34). Beltrão (1980) verificou que, para além da comunicação de massa, tais grupos se comunicam de uma forma específica por meio de tradições, ritos e simbologias. A teoria aborda a comunicação produzida pelo povo, caracterizada pela adoção de meios artesanais.

A Folkcomunicação é por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa. (BELTRÃO, 1980, p.28)

Beltrão (2007) nomeou os grupos supracitados de marginalizados, por viverem “à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente” (BELTRÃO, 2007, p. 45). Os grupos marginalizados apresentam resistência

---

em se adaptar aos veículos de massa, por questões políticas, sociais e/ou econômicas, mantendo vivas suas origens, singularidades e características tradicionais. Além de serem “pessoas afastadas das decisões políticas e dos centros de geração de capital financeiro e de produção cultural midiática da sociedade capitalista.” (BEZERRA, 2016, p. 34).

Os grupos marginalizados são categorizados por Beltrão (1980) como: rurais, urbanos e culturalmente marginalizados. Os rurais estão isolados geograficamente, com recursos econômicos escassos e baixo nível intelectual; os urbanos são formados por indivíduos que estão nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas e subinformadas; e os culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais (messiânico, político ativista e erótico-pornográfico), representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigente.

Ressalta-se que a Teoria da Folkcomunicação foi desenvolvida a partir de uma conjuntura política, econômica, social e cultural específica. Portanto, na contemporaneidade, verifica-se na cidade de João Pessoa que o distanciamento entre o rural e o urbano diminuiu ao longo dos anos, em decorrência de vários fatores políticos e econômicos, estruturais e tecnológicos.

Nesse sentido, a capital paraibana se aproxima do conceito de rurbanidade proposto por Gilberto Freyre (1982), tendo em vista que mescla características da vida rural e da vida urbana. A pesquisadora Juliana F. Bezerra (2016), ao analisar a comunidade Padre Hildon Bandeira, situada no município, ressalta que, pelo fato de uma parte significativa dos moradores serem filhos de agricultores ou por terem vivido sua infância no interior do Estado, possuem um estilo de vida com características rurais.

Paradoxalmente, é possível perceber também neste mesmo espaço características da lógica urbana no modo como a população analisada se organiza diante da aceleração do tempo, da fragmentação do trabalho, da correria para executar várias funções, da importância do dinheiro para a compra de alimentos, etc. Tudo isso contribui para a configuração de formas peculiares de ser e estar no mundo desta população qualificada aqui como rurbana, que, além de operar hibridizações entre as culturas populares e hegemônicas, realiza, mais especificamente, mesclagens simbólicas e materiais provenientes da convivência entre as culturas rurais e urbanas. (BEZERRA, 2016, p. 35).

Na perspectiva da rurbanidade, há uma relação mútua entre o urbano e o rural que desvela “um cenário que combina práticas, saberes, valores e objetos rurais em contextos urbanos, modificando a cidade” (KENBEL; CIMADEVILLA, 2009, p.1, tradução nossa). A coexistência e conformação estão presentes também no conceito de interioridade, que



---

traz um marcador social da diferença. Para Domingues e Gontijo (2021, p. 61) esse conceito abrange um conjunto de elementos socioculturais atribuídos à “relação entre ruralidade e etnicidade/racialidade na conformação da urbanidade”

Esse conjunto “age contra e resiste ao processo civilizador que visa desvincular humanidade/cultura de animalidade/natureza” considerando formas alternativas de experimentação da cidade e da urbanidade. “Interioridade seria a identidade que as pessoas situadas no interior carregam consigo em suas diásporas múltiplas, para além dos tempos físicos e dos espaços materiais [...]” (DOMINGUES; GONTIJO, 2021, p.76)

Nessa perspectiva, a despeito de ser uma cidade de porte médio e capital do estado, João Pessoa carrega uma heterogeneidade, resultante da sua formação histórica, que se conforma aos atributos da urbanidade preservando os modos de vida de uma cidade do interior – mas não é apenas isso: é preciso atentar para “as relações que são tecidas por esses jeitinhos [**de cidade do interior**] na conformação da urbe, nas dinâmicas dos espaços de sociabilidade, nas formas de experimentar a diversidade.” (DOMINGUES; GONTIJO, 2021, p.76-77, grifo nosso)

A presença de características de interioridade também reflete o processo de formação histórica, a população e a forma como a localidade é percebida pelo poder público, como apontam Domingues e Gontijo (2021, p.77):

As regiões com maiores traços de interioridade podem também depender dos atributos étnico-raciais de seus/uas moradores/as, habitantes ou transeuntes e serem assim regiões estigmatizadas pelo poder público ou padecerem com a ausência de políticas públicas que atendam às especificidades da população local [...]

Nesse sentido, a repercussão no Twitter dos fenômenos atmosféricos em João Pessoa tem um caráter folkcomunicacional, expresso na comunicação interpessoal mediada pela tecnologia, que mantém características artesanais e testemunhais, já que as pessoas conversam não apenas com quem tem uma relação de proximidade. Elas falam também para quem não conhece o cotidiano de sua cidade, que possui aspectos rurais permeados por valores étnicos, que se conformam à urbanidade – portanto, em consonância com os conceitos de rurbanidade e de interioridade.

Antes mesmo da hegemonia das redes sociais digitais, promovida pelo capitalismo por meio de investimentos nas Tecnologias de Informação e Comunicação, incluindo a popularização dos *smartphones*, José Marques de Melo apontava a coexistência entre o local e glocal a partir do conceito de sociedade glocalizada no âmbito da *web*.

Esse cavalo de troia engendrado pela magia da eletrônica e refinado pelas malhas da carpintaria digital se chama internet. Nas suas entranhas, vem germinando uma nova realidade. Nela, desponta uma sociedade glocalizada, evidenciando que global e local podem coexistir dinamicamente. (MARQUES DE MELO, 2011, p. 37)

Na contemporaneidade, constata-se que, de fato, movimentos sociais que representam as demandas dos grupos marginalizados ganharam visibilidade nas redes sociais digitais. Ao mesmo tempo, pensou-se que, com o acesso a essa tecnologia, as pessoas poderiam se manifestar de forma igualitária, como se os conflitos sociais desaparecessem – ideia propagada pelo sistema que produziu essa tecnologia. Nesse sentido, faz-se necessária a construção de uma consciência crítica em relação ao ecossistema informacional hegemônico, que atrai a atenção do público com o uso de algoritmos e robôs, resultando em bolhas virtuais autorreferentes. Além disso, forças políticas conservadoras manipulam com destreza esse complexo. (MORETZSOHN, SCHNEIDER, 2022)

A articulação entre os conceitos de folkcomunicação, rurbanidade e sociedade glocalizada possibilita a compreensão do fenômeno que será analisado no tópico a seguir.

### Trovões, raios e relâmpagos no Twitter

A madrugada do dia 23 de maio foi marcada por registros de trovões, raios e relâmpagos durante a tempestade que ocorreu em João Pessoa, no litoral da Paraíba, o que gerou uma quantidade significativa de *tweets*. A análise de seu conteúdo revela demonstrações de surpresa, medo, postagens bem-humoradas e reclamações de interrupção no fornecimento de energia elétrica, conforme representação visual a seguir:

**Figura 1-** Nuvem de palavras



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2022

Ao total, foram recuperados 387 *tweets*, sendo 287 da combinação trovão *and* João Pessoa, 62 da combinação raio *and* João Pessoa e 37 relâmpagos *and* João Pessoa.

O fenômeno chamou a atenção de internautas no Twitter entre os moradores de João Pessoa e cidades vizinhas, que comentaram sobre o clima. O assunto se popularizou e alcançou os *trendings topics*<sup>11</sup>.

**Figura 2-** *Tweet sobre trending topics*



**Fonte:** reprodução twitter.

Nesse *tweet*, podemos perceber a relação de proximidade (relações interpessoais) entre as classes sociais, por compartilharem o mesmo espaço, ainda que de forma efêmera. Ao alcançar os assuntos mais comentados no *Twitter*, desenvolve-se uma relação ativa entre os conteúdos midiáticos e a população de diferentes regiões, confrontando os conhecimentos adquiridos nas localidades em que vivem e no contato estabelecido com o mundo, conforme imagem a seguir:

**Figura 3-** *Tweet sobre fato atípico*



**Fonte:** reprodução Twitter.

Aqui, há o uso do termo “matutagem”, comumente usado para se referir às pessoas que moram em locais rurais, ou seja “as discursividades que se cristalizam sobre o interior também tendem a determinar o que se considera sobre os seus/uas moradores/as,

<sup>11</sup> No Twitter, uma palavra, frase ou tópico que é mencionado em uma taxa maior do que outros é considerado um "trending topic" ou simplesmente uma "tendência". Os *trending* se tornam populares por meio de um esforço conjunto dos usuários ou por causa de um evento que leva as pessoas a falar sobre um tópico específico.

colocando o interior como homogêneo e incapacitado de se representar pela diversidade” (DOMINGUES; GONTIJO, 2021, p. 70).

Portanto, o fenômeno socio comunicacional experimentado no Twitter representa um fator importante para a rurbanidade, pois a mesclagem dos modos de ser individuais, coletivos e contextuais se forma a partir das referências vindas de cenários urbanos, contrapondo as características de localidades rurais mais afastadas.

[...] é possível, assim, encontrar interioridade mesmo nas metrópoles e grandes cidades: ao se refletir sobre as dinâmicas de pequenos bairros que foram construídos a partir de antigas unidades rurais ou feiras livres, pode-se verificar a interioridade em formas de socialidades que são categorizadas no cotidiano (sensivelmente ou sensorialmente) como coisas do interior ou como cenas pitorescas que remetem ao interior. (DOMINGUES; GONTIJO, 2021, p.76)

Características de áreas rurais presentes nas áreas urbanas se aproximam e produzem algo diferente: há elementos em comum entre elas, que resultam em experiências culturais. Tais experiências vêm ganhando proporções ainda maiores devido à presença e influência das mídias, intensificadas por meio da circulação de conteúdos na internet. Diversos portais independentes de notícias compartilharam vídeos e fotos:

**Figura 4-** Portais de notícias



**Fonte:** reprodução twitter.

Como outros membros da comunidade científica, José Marques de Melo enxergou algo positivo no avanço tecnológico em curso na época: a possibilidade de democratização da comunicação por parte dos grupos marginalizados.

Na medida em que avançam os projetos de democratização dos recursos da informática pelos contingentes periféricos da nossa sociedade, sem dúvida criam-se as condições para robustecer a utopia da comunicação glocal, nutrida pela altivez folkmediática de comunidades autônomas, neutralizando a voragem da comunicação global, irrigada pelas matrizes pós-modernas do capitalismo predatório. (MARQUES DE MELO, 2011, p. 81-82)

Dessa forma, a tecnologia (sobretudo a internet) torna-se mediadora das relações interpessoais que se estabelecem, contribuindo para manutenção de costumes que colaboram para a sustentabilidade cultural dos contextos de vivências (MARTÍN-BARBERO, 2010). Como exemplo, temos o ilustrador e quadrinista paraibano Paulo Moreira, que age alicerçado nos seus interesses pelo grupo que representa, na demonstração das técnicas materiais e simbólicas nas culturas clássicas e modernas a partir de narrativas populares.

**Figura 5-** Quadrinhos do Artista Paulo Moreira



Fonte: reprodução twitter.

Em entrevista dada ao portal de notícias da Paraíba, G1, o ilustrador afirma que “Sempre tento encaixar algo nosso nos desenhos. Não fico pensando em qual elemento regional colocar, mas sempre tem algo da nossa cultura: a camisa do Botafogo da Paraíba, o espetinho, a caixinha de som... tudo que representa nosso povo”.<sup>12</sup> Com isso, o artista produz e reproduz elementos da cultura da região para outras regiões, colocando o que é local no âmbito global, ou seja, processo em que o local e o global se entrosam para constituir o que se designa por glocal, como aponta Marques de Melo (2011).

<sup>12</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/03/25/quem-e-paulo-moreira-ilustrador-brasileiro-que-foi-notado-por-rihanna-e-will-smith.ghtml>

---

## Considerações Finais

Lança-se um olhar para o cotidiano pelo viés da Folkcomunicação, articulada aos conceitos de rurbanidade, interioridade e sociedade glocalizada, na busca de compreender um recorte da realidade social, marcado pela incidência de fenômenos da natureza que extrapolam a esfera local, em virtude das redes sociais digitais. Nesse sentido, o Twitter é um espaço propício para glocalização, pois permite que diferentes conteúdos regionais alcancem o status de assunto mais comentado, tornando-os pauta de portais de notícias – espaço de visibilidade para a cultura local. Apesar disso, reconhece-se os limites do capitalismo digital e dos conteúdos hegemônicos nesse processo.

Sobre as inquietações que motivaram esta análise, demonstrou-se que a incidência de trovões, raios e relâmpagos em João Pessoa é rara em relação a outros municípios do país, justificando parcialmente a repercussão do fato no Twitter. Temas que fogem do ordinário ganham visibilidade nas mídias digitais, motivando o seu compartilhamento.

Conclui-se que o processo de formação histórica da capital paraibana resultou numa identidade conectada à ancestralidade, por meio da relação com a natureza, e com outras pessoas que compartilham essa mesma identidade. Mesmo sendo uma capital, João Pessoa mantém o tradicionalismo, aspectos de rurbanidade e interioridade. Dessa forma, no Twitter os pessoenses experimentaram de forma situacional, um sentimento de proximidade e pertencimento, comum em contextos de ruralidade.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a cultura dos marginalizados**. São Paulo: Cortez. 1980.

BELTRÃO, Luís. A comunicação dos marginalizados. In: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. *Folkcomunicação A mídia dos excluídos*. 1a.ed. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007. Disponível em: <https://abre.ai/cNGg>. Acesso em: 29 Jun. 2022.

BEZERRA, Juliana Freire. **Folk-Ativismo para o Desenvolvimento Local: políticas e estratégias de comunicação na comunidade Padre Hildon Bandeira JP, PB**. 2016. Dissertação (Mestrado Pós- Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - UFRPE, Recife, 2016

DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho Domingues; GONTIJO, Fabiano de Souza. Como Assim, Cidade do Interior? *Antropologia, Urbanidade e Interioridade no Brasil*. **Ilha**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 61-83, 2021

DONATH, J.; BOYD, D. Public displays of connection. **BT Technology Journal**, v. 22 (4), n. 71-82, 2004. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/PublicDisplays.pdf>. Acesso em: Jul. 2022.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização: o que é?** Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. Recife, 1982.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: SAGE Publications, 2009.

KENBEL, Claudia; CIMADEVILLA, Gustavo. La rurbanidad desde el enfoque de las memorias sociales. X Jornadas Argentinas de Estudios de Población, 2009.

LEFEBVRE, Henri. Industrialização e Urbanização: notas preliminares. In: **O direito à cidade**. 5a.ed. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía. **De los medios a las mediaciones**, p. 1-335, 2010.

MATUS, Christian. **La cultura urbana y los estilos de vida en la revitalización de un barrio patrimonial del centro histórico de Santiago. El caso Lastarria-Bellas Artes**. 2010. 365 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Estudos Urbanos) - Faculdade de Arquitetura Desenho e Estudos Urbanos, Pontificia Universidade Católica de Chile, Santiago, Chile, 2010.

MOREIRA, Eliana Monteiro; QUEIROZ, Tereza Correia da Nóbrega. Juventude e cultura em comunidades precarizadas: a difícil construção da cidadania. In: ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; FERREIRA JÚNIOR, Edísio (Orgs.). **Jovens & Juventude**. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/ UFPB, 2005.

MARQUES DE MELO, José. **Cidadania glocal, identidade nordestina: ética da comunicação na era da internet**. Campina Grande: Latus, 2011.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan; SCHNEIDER, Marco. Sobre flores, grilhões, consciência e afetos: a disputa pela captura do gosto para desmontar as engrenagens de produção social da ignorância. **Revista Eptic**, v. 24, n. 1, 2022.

SCOCUGLIA, Jovanka B. C. **Sociabilidades, espaço público e cultura: usos contemporâneos do patrimônio da cidade de João Pessoa**. 2003. 394 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003. Disponível em: <http://goo.gl/tR6FuA> Acesso em: 10 jun. 2022

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuchy Cavalcanti. Sociabilidades e usos contemporâneos do patrimônio cultural. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 051.08, **Vitruvius**, set. 2004 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.051/560>. Acesso em: 10 jun.2022

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuchy Cavalcanti. Requalificação urbana e *gentrification* de antigos centros urbanos – estudo comparativo França e Brasil. **Cadernos de Estudos Sociais**. Recife. Vol. 26, nº. 2, p.379-392, jul-dez/ 2011.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna (1896). In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB. 1998.

WOITOWICZ, Karina Janz; GADINI, Sérgio Luiz. Jornalismo, produção cultural e lógicas de mercado: contribuições da folkcomunicação para a análise do jornalismo cultural. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 14, n. 27, 2017.